

A EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO DE EDUCADORES NA FRANÇA

Early childhood education and educators training in France

La educación infantil y la formación de educadores en Francia

Silvia Valentim*

Centro Regional de Formação de Profissionais da Infância [C.R.F.P.E.] – Fra.

RESUMO

O artigo apresenta histórico do atendimento da criança pequena na França desde o início da creche como instituição, no século XIX, passando também pela constituição das escolas maternas (École Maternalle). Elenca o contexto em que se dá o acolhimento e trabalho pedagógico no processo espaço-temporal até os dias atuais, destacando, no âmbito da formação docente, tensões estabelecidas e a urgência de se rever critérios de formação e condições de trabalho, apresentando como uma das possibilidades viáveis a experiência do Centro Regional de Formação de Profissionais da Infância (C.R.F.P.E) e sua atuação e referências que podem favorecer a formação de professores e profissionais não docentes que lidam diretamente com crianças na perspectiva de coexistência de serviços que potencializar e favorecer o acolhimento e atendimento das crianças pequenas com qualidade nas instituições.

Palavras-chave: École Maternalle. Formação de educadores na França. Infância.

ABSTRACT

The article presents the care of young child's history in France from the beginning of the nursery as an institution in the nineteenth century, as well as the formation of the maternal schools (École Maternalle). It covers the context in which the reception and pedagogical work takes place in the space-time process up to the present day, highlighting, in the context of teacher training, established tensions and the urgency of reviewing training criteria and working conditions, presenting as one of the viable possibilities the Regional of Professional's formation Center(CRFPE) experience and its performance and references that may favor the training of teachers and non-teaching professionals who deal directly with children in the perspective of services' coexistence that enhance and foster the reception and care of young children with quality in institutions.

Keywords: École Maternalle. Educators training in France. Childhood.

RESUMEN

El artículo presenta un desarrollo histórico de la atención del niño pequeño en Francia desde el inicio de la guardería como institución en el siglo XIX, y pasando también por la constitución de las escuelas maternas (École Maternalle). Enumerando el contexto en que se da la acogida y el trabajo pedagógico en el proceso espacio-temporal hasta la actualidad; destacando en el ámbito de la formación docente tensiones establecidas y la urgencia de rever criterios de formación y condiciones de trabajo; presentando como una de las posibles respuestas la experiencia del Centro Regional de Formación de Profesionales de la Infancia (CRFPE) y su actuación y referencias que pueden favorecer la formación de profesores y profesionales no-docentes que lidian directamente con niños en la perspectiva de la coexistencia de servicios que potencian y favorecen su acogida y atención de calidad en las instituciones.

Palabras-clave: École Maternalle. Formación de educadores en Francia. La infancia.

Introdução

O surgimento das salas de asilo na Europa em fins do século XVII foi uma solução encontrada para cuidar de crianças pequenas, sobretudo as maiores de dois anos, que, embora frágeis, poderiam, se recebessem cuidados adequados, vir a se tornar cidadãos respeitáveis (LUC, 1997). No esteio dessa concepção, a creche, que se criou em seguida, respondeu a demanda de socorro para os menores: tratava-se, assim, de moralizar a família e “cortar o mal pela raiz” (MARBEAU, 1844). O objetivo desse artigo é mostrar como se construiu o processo de atendimento dos bebês (0 a 3 anos) na França, assim como a profissionalização desse setor, a partir de alguns acontecimentos e tendo como base teórica a Análise Institucional (cuja sigla AI será usada nas páginas que seguem) desenvolvida, principalmente, por René LOURAU na França.

Num primeiro tempo apresentarei o contexto francês, desde a abertura da primeira creche em Paris. Em seguida a apresentação das tensões do setor apontarão como ele foi investido nas últimas décadas por protagonistas até então marginais nos processos de colaboração com o Estado assim que os efeitos sobre o processo de profissionalização dos educadores. Esse contorno histórico deve nos permitir uma melhor análise dos acontecimentos atuais, “[...] o passado não será estudado por si mesmo, mas com o objetivo de ter- devido ao fato de refletir de modo retrospectivo- o papel de « analisador espetacular do presente”. O autor sugere a apropriação da história das instituições pelos sujeitos que dão vida a instituição. (SAVOYE, 2003, p. 145).

Contexto

A França foi o berço da primeira experiência de creche no mundo, de especialização e institucionalização do acolhimento da criança com menos de três anos. O estudo sócio histórico de Bouve (2010) apresenta, através da figura do filantropo Firmin Marbeau, esse processo, assim como os embates sociais que o animaram. A denominação creche está ligada à noção de “presépio”, “manjedoura”. Fazia alusão, em sua origem, ao estábulo onde habitavam animais e onde o Cristo teria nascido (BOUVE, 2010). Essa perspectiva determinou o caminho dessa instituição e apresenta ecos até hoje, sendo ainda contemporânea a concepção de um local para abrigar crianças de famílias menos abastadas. Antes de ser um espaço educativo, a creche foi um espaço moralizador e de acolhimento durante a jornada de trabalho dos pais. Esse aspecto também é apontado por outros autores como o historiador Jean Luc-Noël ao apresentar a institucionalização da escola para os pequeninos ressaltando sua dupla missão no começo do século XX: assistência e educação.

Liane Mozère (1992, 2012) traz os estudos longitudinais desenvolvidos por Spitz¹ entre 1945-1946 e evidencia que esses tiveram uma influência importante nas práticas com crianças pequenas na França. Tais estudos se expandiram sublinhando, de certa forma, o lado nefasto do acolhimento coletivo. As pesquisas de Spitz foram realizadas em centros de acolhimento de crianças abandonadas em Viena, na Áustria, e nos Estados Unidos. Ao estudar os orfanatos com crianças que haviam sido separadas da mãe entre o 6º e o 8º mês de idade e que conheceram uma relação efetiva estável, ele desvelou uma doença chamada “depressão anaclítica”, da qual somente sofreriam crianças que tivessem tido um contato privilegiado com a mãe antes da separação: “[...] Nós não registramos nenhum caso de “depressão anaclítica” em bebês tendo tido relações negativas com a mãe. Nesse caso, nos parece que qualquer um substituto possa remediar a falta dessa relação negativa (MOZERE, 2012, p. 52, apud, SPITZ, 1968, p. 248, tradução nossa).

¹René Arpad Spitz (1887-1974), psiquiatra austríaco, nascido em Viena e falecido em Colorado, Estados Unidos. Sob a influência dos conhecimentos propostos pela recém-nascida Psicanálise, foi o primeiro a fazer investigação em Psicologia infantil.

Mozère se refere à Spitz a fim de ilustrar que suas descobertas vão marcar os estudos, as reformas políticas e as práticas em termos de acolhimento da criança pequena. No entanto, a pesquisadora aporta uma crítica ao fato de que Spitz explica a “depressão anaclítica” – chamada também de síndrome do “hospitalismo” – e as condições de acolhimento nos orfanatos como consequências da falta de cuidados maternos. Essas conclusões contribuíram, segundo a autora, para criar uma imagem da família em que reina uma limitação do papel e do estatuto da mulher que conduz a formas autoritárias de acolhimento e de controle social (MOZERE, 2012, p. 53), pois somente caberia às mães os cuidados dos primeiros anos de vida. A pesquisa de J. Bowlby² (1951) vai, assim, suceder a de Spitz. Tal autor vai, porém, insistir na não separação entre a criança e a mãe. De acordo com o pesquisador, toda forma de separação é nefasta para o bebê, pois a coletividade não pode contribuir ao desenvolvimento harmonioso da criança.

Em torno do acolhimento coletivo, se encontrariam várias formas de suspeitas de maus-tratos e de hospitalismo, enquanto que nenhuma dúvida séria existe na direção da relação da mãe com a criança. (MOZÈRE, 2012, p. 54). No fim dos anos 60 do século XX, os movimentos populares que assolaram o território europeu trouxeram questionamentos à ordem social e atingiram também o campo da Educação Infantil. Esse período levantou muitas questões, desde a prática do setor, o lugar da criança nas diversas instâncias sociais, as presenças junto aos pais, o sistema tradicional e hierárquico das instituições educativas, as funções dos profissionais que atuam com crianças pequenas, marcadas com ênfase no poder da saúde e da higiene, entre outros.

Muitos trabalhos emergem desse contexto. S. Lobovici e M. Soule (1970) vão denunciar as carências da instituição. Partindo de casos de crianças abandonadas, eles sublinham os limites do acolhimento coletivo para essas crianças; M. David e G. Appel (1973), após um período de observação da prática de enfermeiras junto a crianças separadas das mães num orfanato de Budapeste sob a direção da doutora Emmy Pickler, produziram um material que teve um impacto considerável nas práticas das creches francesas e continuam a ser difundidos ainda hoje³. As modificações que ocorreram na academia da época (centradas, sobretudo, na compensação da falta da mãe) vão ser determinantes para as práticas junto aos bebês. O campo da Educação Infantil e da primeira infância na França será marcado pela lógica de cuidados e de substituição do apoio maternal, pois estes vão reforçar a ideia de que a mãe é a única pessoa capaz de suprir as necessidades da criança. As perspectivas de maio de 1968 vão influenciar as práticas dentro de algumas creches:

Campo de forças e de ideias, o território da primeira infância embora investido desde da sua criação por uma política tradicional, era ao mesmo tempo um lugar de experiências diversas contornado regras e criando o que poderíamos chamar de políticas locais ou de “micropolíticas”. (MOZERE, 2012, p. 14, tradução nossa)

As pesquisas de Mozère (1992) traçam as transformações desse movimento e explicam como as “creches selvagens” da Sorbonne foram um espaço de experiências novas entre crianças e adultos lutando pelos princípios de liberdade e antiautoritarismo. A creche “selvagem” vai acolher 234 crianças, numa alternância de angústia e entusiasmo, segundo Mozère. O que vale relatar para a autora, é a invenção de um espaço de vida onde reina um outro modelo de infância:

Essas experiências insistem na autonomia e na liberdade das crianças que conduz a creche a praticar um modo de relação nova entre adultos e crianças. Viver juntos experiências imprevistas, escolher juntos, constituem de alguma forma a força dos questionamentos e das práticas [...]. Essa concepção considera a criança como uma potencialidade (que o adulto não conhece necessariamente

²Psiquiatra inglês com formação psicanalítica e etologista (1907-1990), seus principais trabalhos foram em torno da “teoria do apego”.

³ A associação Pickler tem um papel importante na formação continuada dos profissionais do setor.

antes, embora seus conhecimentos especializados) como devir onde os saberes são relativos. Tratava-se então para adultos não só conhecerem as crianças, mas também aprenderem. (MOZÈRE, 1992, p. 21, tradução nossa).

Mozère aponta ainda que a experiência da creche da Sorbonne, significativa em Paris, não teve repercussão importante fora da capital, porém as formas de interações impactaram o cotidiano. Segundo os depoimentos recolhidos pela pesquisadora, o que foi constatado com “maio de 68” foi o desenvolvimento de espaços de diálogos entre os profissionais e um questionamento das relações hierarquizadas dentro da instituição. Essa realidade não transformou as práticas, mas permitiu a voz das auxiliares de puericulturas que raramente participavam dos debates e decisões institucionais. É assim que essa experiência vai criar novas demandas sociais, e as creches começam a ser identificadas como lugares de socialização das crianças, princípio até então marginal na instituição.

Em 1964, a publicação do livro de Irene Lezine “*Psychopédagogie du premier âge*” questiona as teorias de Spitz e Bowlby sobre os aspectos negativos da creche. Mira Stambak, uma das primeiras colaboradoras de Lezine, vai criar o Centro de Pesquisa sobre Educação Especializada e Adaptação Social (CRESAS), onde outras pesquisas serão realizadas sobre o desenvolvimento cognitivo das crianças de 10 a 36 meses. As pesquisas elaboradas junto às equipes das creches produzem ressonâncias nas maneiras de conceber as capacidades das crianças pequenas (MOZÈRE, 1992, p. 64) e, neste sentido, os estudos em psicologia foram determinantes no processo de re-orientação de ações nesses espaços. É importante notar que, na França, paralelamente a esse movimento de ideias do mundo acadêmico, as crianças até seis anos continuam a ser acolhidas em Creches, Jardins de Infância e Escolas Maternais. Os Jardins de Infância existem até hoje, embora em número bem reduzido em relação às escolas maternais e as creches. Nas creches até essa época os profissionais que trabalhavam com crianças menores de 3 vinha principalmente da área paramédica. As jardineiras da infância trabalhavam nos jardins de infância e foram substituídas por professores com a democratização da escola maternal.

Em 1973, foi criado com diploma de “*educateur de jeunes enfants*” (EJE) ou “Educadores da primeira infância”. Essa certificação substituiu o de “jardineira da infância”. Os educadores começaram, a partir desse momento, a ocupar e impulsionar um pensamento educativo nas práticas ainda muito marcadas pela tradição higienista nas creches. Até então a dimensão educativa não era desenvolvida nesse setor. Os movimentos de 68 contribuíram muito a abertura desse espaço, impulsionado também pela participação mais assídua dos pais. As creches vão se multiplicar no decorrer dos anos. Embora a placa da culpabilidade pese ainda sobre as mães trabalhadoras, a teoria de Spitz não pode sustentar a não emancipação da mulher e a sua inserção no mundo do trabalho. A pressão da Comunidade Europeia nos últimos anos irá acelerar a política por uma melhor conciliação da vida profissional e familiar. Desenvolvem-se, assim, vários dispositivos de ajuda financeira para que as famílias possam escolher o modo de acolhimento da criança. Nos anos 2000, a constatação de falta de vagas para o atendimento de crianças menores de três anos em toda Europa, resultou na assinatura de objetivos por cada nação⁴. Na França a escola maternal atende quase 100% das crianças de mais de três anos, mas esse não é o mesmo cenário para os menores de três anos. Somente 17% das crianças dessas idades tem acesso ao atendimento coletivo, embora 55% das famílias procurem esse tipo de estrutura.

⁴Objetivos de Barcelona: Em 2002, O Conselho europeu tinha fixado que até 2010, o atendimento deveria ser de ao menos 90% para as crianças de 3 anos até a idade obrigatória de escolaridade e de ao menos 33 % para a crianças menores de 3 anos. (COMMISSION EUROPÉENNE, 2018).

Dispositivos de lotação das creches incentivados pelo poder público, a falta de qualificação dos profissionais e a criação da Prestação de Serviço Único (PSU)⁵ levará intelectuais e profissionais às ruas para manifestar contra as medidas do governo francês. Em 2010, Patrick Ben Soussan publica o “*Livro Negro do acolhimento da educação infantil*”⁶. Ele reúne profissionais e pesquisadores que, juntos, denunciam as condições de acolhimento nas creches francesas. Na apresentação do livro, o autor escreve:

Já há alguns meses, nós assistimos no campo do acolhimento da criança pequena, como em outros também, um grande número de projetos e reformas que mostram ambição de melhoras e de renovação, tanto ao nível das gestões econômicas quanto no nível das demandas sociais e psicológicas. Mas, atrás desses anúncios, desses efeitos de mídia, com os quais nunca vamos nos habituar, é o setor da Educação Infantil que está vivendo transformações radicais. O governo se desengaja, promove e resolve - tudo a sua maneira, desenha, assim, o tipo de homem da sociedade de amanhã - nega os avanços da pesquisa e da experiência, terceiriza os valores fundamentais, faz economia de debate e de diálogo. E os profissionais experientes e engajados estão desconcertados, desconfiados, irritados e prontos a agir. (BEN SOUSSAN, 2010, s/p, tradução própria)

As pesquisas apresentadas no livro representam as diferentes disciplinas que atravessam a Educação Infantil. Embora o psicólogo Ben Soussan reúna profissionais da área da Educação e da Saúde, agrupa um conjunto coletivo “*pas de bébé à la consigne*” que reclama um modo de acolhimento educativo, e não um modo de guarda durante o trabalho dos pais. Nos últimos anos, observamos na França uma verdadeira preocupação com o acolhimento das crianças de menores de três anos, e a falta de qualificação dos profissionais passou a ser uma preocupação, pois os modelos de acolhimentos dos países vizinhos são cada vez mais sofisticados e envolvem profissionais com graduação superior.

Na França, os únicos profissionais que têm nível superior é o Educador e o Puericultor⁷. Embora a profissão de educador exista desde 1973, a legitimidade do educador sofre da falta de identidade. Em creches da cidade de Paris, pude observar a presença de uma única educadora para 17 auxiliares e mais de 90 crianças. Nesse caso, o papel da educadora era supervisionar o trabalho das auxiliares. Essa configuração é fonte de vários problemas. No caso dessa creche, a educadora de apenas 23 anos tinha muita dificuldade em fazer o seu trabalho. As auxiliares lhe faziam frente, pois, segundo elas, conheciam tudo na creche, pois já trabalhavam lá há vários anos. Esse tipo de observação é muito comum, uma vez que a falta de educadores é uma realidade que leva várias estruturas a empregar pessoas sem diplomas e sem formação. Algumas diretoras, muitas vezes educadoras, dizem preferir a presença de um adulto junto às crianças e renunciar a atividades educativas, “a urgência é garantir a segurança”, ou seja, a guarda ao acompanhamento educativo.

⁵PSU: Prestação de serviço único: uma forma de faturação que permite às famílias pagar a creche em função das horas de presença da criança.

⁶BEN SOUSSAN, P.(2010), *Le livre noir de l'accueil de la petite enfance*, ERES «1001 bebês », Toulouse.

⁷Educador: formação superior de dois anos após o ensino médio (Nível universitário Bachelor reconhecido pelo código da educação em setembro de 2018). Puéricultor: especialidade de um ano podendo ser obtida após a formação em enfermagem.

Tensões atuais no setor da educação infantil na França

Apesar de todas essas tensões, a França é comumente apresentada como um exemplo na área da infância devido aos meios que são investidos (THEVENON, 2011), quer seja na criação de creches⁸, quer seja nas ajudas destinadas às famílias para a educação parental ou para contratar uma pessoa a domicílio. Observamos, porém, que existem tensões em torno dessa questão, pois atender à demanda pelo número de vagas criadas não significa levar em conta a complexidade e a qualidade do trabalho. Vários relatórios financiados pela CAF⁹ demonstram como essa questão é delicada e destacam as desigualdades regionais na gestão dos modos de acolhimento (estruturas coletivas ou individuais). Sem dúvida, a entrada massiva das mulheres tendo filhos pequenos no mundo do trabalho (MARUANI, 2000) provocou repercussões importantes no campo das políticas sociais e familiares. O Estado francês, diante das recomendações e anotações de conduta feitas pela comunidade europeia, foi obrigado a responder a demanda da população.

O acolhimento de crianças de menos de três anos, mas também idosos e pessoas deficientes, constitui uma preocupação importante para o governo francês desde os anos 70¹⁰ do século passado. Embora apareçam como promotoras as colaborações entre o poder público e privado, algumas pesquisas chamam a atenção para a complexidade dessas colaborações (DAUNE RICHARD, A.-M., ODENA, S., PETRELLA, F., 2008) que tendem a se concentrar em responder a demanda sem levar em consideração as especificidades do trabalho com crianças de menos de três anos. Por exemplo, na França, 75% do acolhimento de crianças pequenas é feito pelas “*assistantes maternelles*” (assistentes maternas), que trabalham em domicílio. Bosse-Platière et al. (2008) demonstram os desafios que atravessam as trabalhadoras que cuidam de crianças no domicílio familiar¹¹. Os autores questionam a maneira como o trabalho com as crianças e suas famílias é efetuado, especialmente quando é feito no espaço privado da casa do “profissional” (essa oferta chamada “creche familiar” ou “Assistente Maternelle” recebeu grandes investimentos do governo da França). Mas os profissionais são os menos qualificados da área.

Essa questão me parece importante, pois as novas medidas em prol do acolhimento individual no domicílio das assistentes recebem cada vez mais investimentos para atender à demanda que, embora desigual, no território francês está em constante evolução. A resposta política tem como alvo o atendimento do maior número de crianças possível. Como pensar a qualidade do atendimento nesse contexto? Como conjugar respostas quantitativas ao sentido dado ao atendimento dos pequeninos? Como entender a recepção favorável da lógica mercantil no setor? E por fim como participar de maneira eficiente a formação dos profissionais do setor?

A chegada, em 2004, da lógica mercantil na gestão das creches não reduz essas tensões. Ao contrário, só colocam mais um ator na disputa. A consequência desse processo foi a transferência de poderes do Estado para um número maior de instituições colaboradoras. As empresas privadas passaram, a partir desse momento, a se candidatar para a gestão de creches até então administradas por municipalidades ou por associações sem fins lucrativos. A mudança trazida em 2004 leva o setor a repensar suas atividades e formas de administração. O alto custo das instalações das creches e as dificuldades financeiras dos municípios (consequência, na maioria dos casos, do processo de descentralização começado nos anos 80, que deu autonomia aos municípios e às regiões) leva-os a

⁸Isso em razão de o Estado continuar sendo o maior financiador através da CAF (Caisse d'allocation familiales), organismo responsável pela distribuição das verbas às famílias, aos municípios e às empresas.

⁹CAF : Caisse des Allocations Familiales- organismo de gestão financeira destinadas a família.

¹⁰Fagnani Jeanne, « La politique d'accueil de la petite enfance en France : ombres et lumières », *Travail, genre et sociétés* 2/ 2001 (N° 6), p. 105-119.

¹¹“Creches familiares” são um dispositivo que existe na França em que o profissional trabalha na sua própria casa.

buscar, nessa nova alternativa, uma forma de reduzir custos (DAUNE-RICHARD; ODENA; PETRELLA, 2008).

Entretanto, no caso das creches, esse processo não leva a uma cessão total de poder do governo. Trata-se, muitas vezes, de uma Delegação de Serviço Público (DSP). O governo continua a intervir nos principais aspectos da gestão: estabelecendo parâmetros (nacionais) para o cálculo de custos para as famílias, emitindo autorizações para abertura dos estabelecimentos, regulamentando as normas quanto ao número de crianças por adulto, entre outras ações. Pode-se observar que os modelos das gestões utilizadas nessas Delegações de Serviço Público (DSP) podem ser diferentes dos praticados pelas associações (sem fins lucrativos). Esta diferença é responsável por diversas perturbações no setor (PALMATO-GUILLEMIN; DUJARIER, 2010), pois, motivadas pelo lucro que deve proporcionar à creche tanto em termos de rendimento financeiro como em capacidade de acolhimento, utilizam técnicas de *management* e contratos das famílias e dos profissionais que diferem das ações tradicionais. Como pensar a formação profissional nesse contexto mutante, onde imperativos financeiros de gestão parecem prevalecer sobre os de educação e formação?

A formação profissional dos educadores da educação infantil na França

O setor da educação infantil na França engloba o atendimento de crianças de 0 a 6 anos:

- De 0 a 3 anos: Creche (termo genérico substituído por Estabelecimento de atendimento de crianças pequenas - EAJE)
- De 3 a 6 anos: Escola Maternal (École Maternelle)

A escola maternal é uma etapa essencial do percurso das crianças, que desenvolvem capacidades fundamentais, aprimorando a linguagem e começando a descobrir o universo da escrita, dos números e de outros campos de conhecimento¹². Ter uma primeira experiência escolar bem sucedida é o objetivo da escola maternal na França. Um dos critérios de qualidade reivindicados pelos protagonistas da educação infantil na França é o nível de formação dos profissionais que trabalham em creches. Esse critério é sempre debatido devido ao fato de ser um dos efeitos das transformações citadas. A educação infantil na França se estruturou no setor “médico-social”. Os primeiros profissionais a se especializarem no atendimento de bebês foram as enfermeiras e auxiliares de puericultura. O educador (EJE) é o único profissional que representa a educação no sentido de propor uma abordagem mais voltada às experiências pedagógicas de socialização. No cotidiano das creches trabalham juntos EJE, auxiliares de puericultura, puericultoras, e pessoas tendo uma formação mínima como o Certificado d’Aptitude Profissional (CAP) “educação infantil”.

A coexistência desses profissionais em torno do atendimento do bebê poderia ser analisada como positivo para o setor. Nós observamos que quando as instituições investem no trabalho de cooperação entre profissionais essa pluriprofissionalidade se expressa através de experiências positivas. No entanto, diante das mudanças significativas que vive o setor devido à falta de profissionais qualificados, essa riqueza passa a ser uma deficiência. O sociólogo Daniel Verba numa publicação de 2014 (VERBA, 2014) explica que 50% dos EJE trabalhando em creches ocupam cargos de direção e que, nesse caso, o trabalho de atenção, de cuidado e pedagógico desenvolvido junto às crianças é deixado aos profissionais menos qualificados. Quanto menos qualificado é o profissional mais tempo ele passa a cuidar dos bebês. Sabendo que essa realidade também é presente no Brasil, nos parece interessante poder ressaltar que essa percepção do atendimento em creche perdura nas duas realidades. A partir dessa observação o **Centro Regional de Formação de Profissionais da Infância. (C.R.F.P.E)** pretende criar e fortalecer sua oferta de formação para

¹²Disponível em : <http://www.education.gouv.fr/cid166/l-ecole-maternelle-organisation-programme-etfonctionnement.html>. #Le rôle de l'école maternelle.

profissionais da infância que trabalham no atendimento em creches ou todo tipo de estrutura atendendo para crianças de 0 à 3 anos.

O C.R.F.P.E. e sua história

O C.R.F.P.E. é uma escola de formação de profissionais da infância, situado em Lille na região Norte da França. Trata-se de uma instituição associativa privada subsidiada por fundos públicos oriundos da região Hauts de France (Órgão Administrador). A atividade principal é a formação de educadores de educação infantil. Instalado em Lille desde 1933, o CRFPE desde sua abertura está engajado na formação de profissionais da infância e busca se adaptar às mudanças e às evoluções do setor. A “Escola de pedagogia infantil”, nome atribuído naquela época, especializou-se na formação de profissionais da infância e no local havia um jardim da infância. Em 1936, o centro integrou a Universidade Livre de Lille. A formação era praticamente ofertada por freiras e o local pertencia a uma congregação religiosa. A associação de gestão na forma que existe hoje foi criada em 1946 e é ela quem administra e decide das estratégias políticas e principais orientações pedagógicas do centro de formação.

De 1933 a 1973 o CRFPE formou “jardineiras da infância”, profissionais que intervinham principalmente nos jardins da infância e em escolas maternas. Em 1973, de maneira “quase natural”, com a criação do diploma e da profissão de “educador de crianças pequenas”, o centro continuou suas atividades de formação e a presença cada vez maior de educadores trabalhando em creche levou o CRFPE a se especializar na formação de profissionais desse setor. Esses processos marcam concretamente a tendência em torno de um atendimento educativo em institucionalização no setor da educação infantil. É nesse momento que a escola vai passar a se chamar “Escola de educadores de crianças pequenas”, nome que será conservado até 1993, data na qual o CRFPE passa a existir. As atividades do CRFPE se estendem em todo o território das regiões Norte e Pas-de – Calais. Em 1991, um grupo é formado na cidade de Dunkerque, em 1994 na cidade de Arras, e em 2014 na cidade de Maubeuge.

Atividades atuais e a formação de educadores

O CRFPE acompanha profissionais de creches (formação inicial e continuada) no desenvolvimento de práticas adaptadas ao acolhimento e educação de crianças de 0aà 3 anos. O centro é composto de dois departamentos:

- Departamento de Formação continuada oferece a formação “Cap petite-enfance” e o CAFERIUS: formação de diretores nível Master 1, assim que um catálogo de formações que podem se ajustar à cada comanda.
- Departamento de formação superior inicial de educadores, nível “Bachelor” em parceria com a Universidade de Lille 3; Esse curso se desdobra em três anos em período integral e é a atividade principal do centro. O curso contabiliza: 1500 horas de formação teórica e 60 semanas de estágio.

O tempo de formação teórica e prática se organizam em alternância e está dividido em quatro módulos:

- ✓ DF1: Acolhimento e acompanhamento da criança e da família
- ✓ DF2: Ação educativa em direção da criança
- ✓ DF3: Comunicação profissional
- ✓ DF4: Dinâmicas institucionais e interinstitucionais

Durante os três anos de formação, os conteúdos se organizam a partir dos diferentes campos disciplinares indicados no referencial nacional da formação¹³. A partir desse referencial, o CRFPE prepara os estudantes para as provas finais que são organizadas pelo organismo de tutela representando o Estado (Direção Regional da Juventude, Esportes e Coesão Social - DRJSCS). O Centro cumpre através dessa atividade de formação, uma demanda de serviço público, para a qual ele é habilitado pela Região Hauts de France e credenciado pela Universidade de Lille¹⁴.

Uma nova estratégia

Os debates do setor, a complexidade de fazer coexistir profissões oriundas de setores diferentes na creche como espaço de trabalho, a experiência e conhecimentos do campo da formação de profissionais da infância, levou o CRFPE a pensar uma nova estratégia de ação que visa responder à demanda de um desdobramento coerente de formação para o setor. Essa estratégia consiste em criar um espaço de formação transversal entre diferentes profissões. Por exemplo, atualmente o CRFPE está credenciado para dois tipos de formação do setor: Certificado de Atitudes Profissionais (CAP) primeira infância e Educadores da Primeira Infância (EJE). Desde setembro 2018 essas duas formações experimentam um novo referencial.

O CAP *petite-enfance* passa a ser CAP de *acompanhamento educativo*. As evoluções que constam nesse novo referencial são próximas de preocupações que se encontram no referencial dos educadores, embora o nível da formação seja diferente. Experimentamos assim possibilidades de cursos conjuntos para os dois públicos e tentamos impulsionar na formação perspectivas de um trabalho em equipe. O CRFPE se propõe a desenvolver, a partir de setembro 2019, formação de auxiliar de puericultura e, se esse projeto vir a se realizar, estará no caminho para atingir nosso objetivo de resposta frente uma demanda social: formar profissionais da infância que compartilhem uma base de conhecimentos comum assim como visão da criança que permita uma coexistência e colaboração cotidiana inteligente.

Considerações finais

Pensar a formação dos profissionais da infância sem considerar processo sócio histórico e atual do setor nos parece dissonante com a ideia de partir do estudo da realidade para transformá-la. Foi nesse sentido que esse artigo foi escrito. Tentamos mostrar como a atividade de um centro de formação se estrutura num espaço social e como as evoluções do setor de atuação nos permitem de avançar. Criar condições, desde a formação inicial para que os futuros profissionais possam vivenciar aprendizagens conjuntas nos parece ser uma contribuição para a criação de espaços de diálogos entre eles, mas também com as crianças e famílias.

Referências

BEN SOUSSAN, P. *Le livre noir de l'accueil de la petite enfance*, ERES «1001 bebês», Toulouse, 2010.

¹³O referencial nacional foi elaborado com a participação de professores universitários para que ele corresponda ao nível bachelor. Com o reconhecimento desse nível, os educadores podem ter acesso ao Master de preparação para a profissão de professor. Convém esclarecer que embora os educadores não lecionem em escolas, eles podem trabalhar com crianças maiores de 3 anos, atendidas em centros especializados para o tratamento de deficiências, em hospitais e serviços de proteção judiciária da infância. Nesses últimos casos ele trabalha com equipes pluriprofissionais em função da área de atuação.

¹⁴O credenciamento é obrigatório e efetivo para a formação de educadores como para as demais formações em trabalho social. Uma reforma dos estudos entrou vigor em setembro 2018.

- BOUVE, C. *L'utopie de crèches françaises au XIX siècle : un pari pour l'enfant pauvre*, essai sociohistorique, Peter Lang, Suisse, 2010.
- BOWLBY, J. *Maternal care and menthal health*, monography n°2, OMS, Geneve, 1951.
- COMMISSION EUROPÉENNE. *Les structures d'accueil des enfants dans l'UE*. Disponível em : [http://europa.eu/rapid/press-release MEMO-08-592 fr.htm?locale=fr](http://europa.eu/rapid/press-release_MEMO-08-592_fr.htm?locale=fr). Acesso em 20 out. 2018.
- DAUNE-RICHARD, A.-M.; ODENA S.; PETRELLA F. L'engagement des entreprises dans l'accueil des jeunes enfants. De nombreux enjeux et des partenariats public-privé complexes. *Recherches et Prévisions*, n. 92, juin 2008, p. 61-71, 2008.
- DAVID, M.; APPELL, G. *Lóczy ou le maternage insolite* (1973). *ERES 1001 bebês*, Toulouse, 2008.
- LOURAU, R. *L'analyse institutionnelle*, Ed. de Minuit, Paris, 1970.
- LUC J.-N. *L'invention du jeune enfant au XIXe siècle. De la salle d'asile à l'école maternelle*, Ed. Belin, Paris, 1997.
- LUC J.-N. Je suis petit mais important, La scolarisation des jeunes enfants en France du début du xIxe siècle à nos jours, *Carrefours de l'éducation*, n. 30, p. 9-22, 2/2010.
- MARBEAU, F. *Des crèches*, Comptoir des imprimeurs-unis, Quai Malaquais, Paris, 1844.
- MARUANI, M. *Travail et emploi des femmes*, La decouverte, Paris, 2000.
- MOZERE, L. *Le printemps des crèches : histoire et analyse d'un mouvement*. Harmattan, Paris, 1992.
- PALMATO-GUILLEMIN, M.; DUJARIER, M. A. Privatisation des crèches: quelles transformations du travail et de la compétence? *Travailler*, (1), 137-149, 2010.
- RAYNA, S. Quoi de neuf du côté de l'éducation préscolaire ? Qualité, équité et diversité dans le préscolaire, *Revue internationale d'éducation de Sèvres*, n°53, 23-30, 2010.
- SAVOYE, A. Analyse institutionnelle et recherches socio-historiques : quelle compatibilités, In: *L'homme et la Société*, n. 147-148, 2003.
- SPITZ, R. A. (1965). *De la naissance à la parole*. La première année de la vie, Paris, PUF, 1979.
- THEVENON O. Pourquoi réformer la politique d'accueil de la petite enfance en France ? Comparaison avec les politiques d'autres pays de l'ocde. In: *Revue d'Economie Politique*, vol. 121, , p.667 à 712, 2011/5.

*PhD. em Ciências da educação pela UFF e UCP (Université de Cergy Pontoise (França)). Pesquisadora no GRUPEGI (UFJF/UFF) e no Laboratorio EMA (École, Mutation et Apprentissages), UCP. Diretora de estudos C.R.F.P.E (Centro Regional de Formação de Profissionais da Infância) Lille, França. E-mail: silviavalentim@crfpe.fr.

Recebido em 10/08/2018

Aprovado em 15/10/2018